

EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO MILITAR DO NORDESTE
10ª REGIÃO MILITAR
(REGIÃO MARTIM SOARES MORENO)

RESUMO HISTÓRICO DA 10ª RM

1. A CRIAÇÃO DA 10ª RM

A criação da 10ª Região Militar tem origem em uma reorganização do Exército Brasileiro motivada pela necessidade de uma reestruturação das nossas Organizações Militares (OM) para atender ao esforço de guerra nacional após o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, em 1942, particularmente as do Nordeste, por sua posição estratégica em relação às rotas marítimas do Atlântico.

Em consequência, foi instalada inicialmente, em Fortaleza, uma Brigada (a 3ª Brigada Infantaria, criada em 02 ABR 1942, subordinada à 7ª RM, em Recife-PE), que, em seguida, foi transformada em Região Militar.

Assim, em 17 de setembro 1942, em face da dificuldade de articulação com a 7ª RM e por razões de ordem estratégica para a Defesa Territorial, foi extinta a 3ª Bda Inf e criada a 10ª Região Militar (10ª RM) para centralizar e coordenar as OM sediadas nos Estados do Ceará, Piauí e Maranhão, por apresentarem características fisiográficas similares, visando prover a defesa territorial contra-ataques de forças aéreas e navais oriundas de outros continentes.

Durante a 2ª Grande Guerra, a 10ª RM cumpriu com destemor as missões de vigiar o litoral e executar planos de defesa, mantendo estreitas ligações com as forças navais e aéreas nacionais e norte-americanas. Para a constituição da Força Expedicionária Brasileira (FEB), contribuiu com significativo contingente de homens destemidos que, independente do frio e das dificuldades de toda ordem no Teatro de Operações, mostraram o valor e a garra do combatente nordestino nos campos de batalha da Itália. Em face do estado de guerra, as Polícias Militares dos três Estados encontravam-se subordinadas ao Cmt 10ª RM.

Missão, Área de Jurisdição e Estrutura Organizacional

Naquela época, a 10ª RM tinha como OM subordinadas: sediadas em Fortaleza, o 23º BC, o 29º BC (extinto), o 2º Grupo do 5º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria (II/5º RADC, deu origem ao 10º GAC, que foi transferido para Roraima posteriormente), a 25ª Circunscrição de Recrutamento (atual 25ª CSM), o HMF (atual HgeF) e a Escola Preparatória de Fortaleza (para fins disciplinares - funcionou de 1942 a 1961, quando foi extinta a EPF e criado o atual CMF); em Teresina-PI, estavam o 25º BC e a 26ª Circunscrição de Recrutamento (atual 25ª CSM); e, em São Luís-MA, o 24º BC e a 27ª Circunscrição de Recrutamento.

A partir de 2014, o Estado do Maranhão deixou de pertencer ao C Mil NE passando a integrar o C Mil N e, em consequência, a área de jurisdição da 10ª RM passou a abranger somente os estados do Ceará e Piauí.

Missão atual da 10ª RM

- Cumprir as missões constitucionais de Defesa da Pátria e de Garantia da Lei e da Ordem.

- Planejar e executar as logísticas estratégica e operacional das tropas de sua área jurisdicional (atualmente sediadas ou empregadas nos Estados do Ceará e Piauí).

- Executar, quando determinado, ações complementares na sua área de responsabilidade, cooperando com o desenvolvimento econômico e social da região Nordeste ou atuando em socorro às populações atingidas por calamidades ou desastres naturais.

Atividades realizadas hoje pela 10ª RM

- Atividades Operacionais: Defesa da Pátria; Garantia da Lei e da Ordem (GLO); e Garantia da Votação e Apuração (GVA).

- Atividades Logísticas: Apoio Logístico às OMDS/Vinculadas situadas na área sob sua jurisdição.

Atividades Administrativas: Apoio ao Pessoal da Ativa, Reserva e Pensionistas; Saúde; Serviço de Fiscalização de Produtos Controlados; e Patrimônio.

- Ações Humanitárias: Op Pipa.

Estrutura atual

OM sediadas no Ceará: 23º BC, 25ª CSM, HGeF, CMF, PqRMnt/10, 10º DSup, 52º CT, 10ª ICFEx, 16ª Cia PE (antiga 10ª Cia Gd), Cia C/10, todas em Fortaleza; e o 40ª BI em Crateús.

OM sediadas no Piauí: 25º BC, 26ª CSM e 2º BEC em Teresina, e o 3º BEC em Picos.

2. LOCAL DA SEDE E DESIGNAÇÃO HISTÓRICA DA 10ª RM

(expansão dos vínculos históricos)

A 10ª RM foi inicialmente instalada no Quartel da extinta 3ª Bda Inf (25 Jan 1943), na rua Pedro I, 461 (esquina com Major Facundo), transferindo-se de sua sede provisória para a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção seis anos após sua criação (17 Set 1948).

Em 1993, a 10ª RM recebeu a designação histórica “Região Martim Soares Moreno” (Port Min nº 686, de 16 Dez 93), em homenagem ao valente Capitão-Mor do Ceará.

Por estar sediada na histórica Fortaleza de N. S. da Assunção e ter como designação histórica o nome de “Região Martim Soares Moreno”, tem sua história entrelaçada com a de seu “patrono” e com a da fortificação militar que ocupa, bem como com as demais fortificações aqui construídas no período colonial e hoje não mais existentes, que levaram à ocupação e à colonização da terra pelos portugueses e a sua defesa contra as incursões estrangeiras ocorridas no Nordeste, no século XVII, principalmente de franceses e holandeses. Em consequência, resta uma íntima ligação com o período da formação e da evolução histórica da Capitania do Ceará e desta capital, sendo este Forte um verdadeiro marco vivo dessa época.

3. QUEM FOI MARTIM SOARES MORENO (Síntese histórica)

(vínculos históricos deste Cmdo com o Capitão-Mor M. S. Moreno)

O legendário Capitão-Mor do Ceará nasceu em Santiago do Cacém-Portugal (1586 - 1652). Em companhia de seu tio, o Sargento-Mor Diogo de Campos Moreno, singrou o Oceano Atlântico com destino à colônia portuguesa na América, uma aventura no início do século XVII (1602/3), quando então o posto militar da soberania

portuguesa no Brasil mais ao norte era o forte dos Reis Magos, na foz do Rio Potengi, onde atualmente fica a cidade de Natal.

Iniciou sua campanha militar, em 1603, como ajudante na bandeira de Pero Coelho de Souza (tinha 17/18 anos de idade), a primeira investida portuguesa pelos territórios do norte, do Ceará até o Maranhão, explorando a terra e combatendo os franceses. Em 1604, Pero Coelho funda o fortim de São Tiago, às margens do Rio Siará, para apaziguar os indígenas, dissuadir os intrusos estrangeiros e proteger o assentamento permanente que pretendia criar na região. Todavia, em 1605/1606, é obrigado a desistir de seu intento, abandonando definitivamente o território cearense quando a situação do arraial de Nova Lisboa tornou-se insustentável por falta de novos recursos e reforços para o prosseguimento da empreitada e pela escassez de água e de alimentos devido à primeira grande seca registrada na História do Ceará.

O jovem Martim foi um dos sobreviventes da desastrosa bandeira, tendo desincumbido-se de sua missão com invejável maestria: aprendeu a língua indígena, estudou seus costumes e criou sólidas relações de amizade com os indígenas locais, tornando-se um profundo conhecedor de seus costumes e da “arte da guerra” por eles empregada.

A colonização das “terras do norte” e a expulsão dos franceses do Maranhão continuava um imperativo para os portugueses. Assim, em 1612, cerca de 9 anos após a navegação de Pero Coelho chegar no Ceará, Martim Soares, acompanhado de 6 soldados e 2 padres, aporta na “Barra do Siará” e funda a 20 de janeiro, com a ajuda de índios Potiguaras, o Forte de São Sebastião, ícone da fundação do Estado do Ceará, a fim de assegurar a posse da terra, manter a paz com as nações indígenas e dar continuidade ao processo de colonização da região.

Já em 1613, parte numa nova campanha militar contra os franceses no Maranhão. Martim segue de Camocim para a foz do rio “Maralon” com uma das naus para reconhecer as posições inimigas enquanto Albuquerque vai por terra. Devido aos ventos, às correntes marítimas e à ação do inimigo, não conseguiu voltar à Jericoacoara, indo parar em São Domingos, de onde foi obrigado a seguir para a Europa. Sem informações e o apoio marítimo de Martim e temendo repressões dos franceses, Albuquerque foi forçado a retornar ao Rio Grande.

Moreno retornou ao Brasil somente em 1615, seguindo direto para o Maranhão onde auxiliou na capitulação dos normandos. Em 1616, navegou desaparelhado para o Ceará para tratar-se de um ferimento, sendo novamente arrebatado para São Domingos. Desta ilha navegou para a Europa e sua nau foi abordada por piratas franceses no trajeto. Deu-se um acirrado combate, quase todos de sua tripulação foram mortos, e ele mutilado em uma das mãos. Levado para a França, foi condenado à morte, no entanto, conseguiu ser salvo graças à intervenção de um nobre espanhol.

Martim Soares Moreno, ultrapassando os desafios do desconhecido, desbravou as terras do Ceará, do Maranhão e do Pará; e lançou as bases da colonização da capitania do Ceará, efetivando a posse oficial da região ao fundar, em 1612, o Forte de São Sebastião, na margem do rio Siará, na mesma área onde se encontravam as ruínas do antigo Fortim de São Thiago, de Pero Coelho (1603), tendo sido seu 1º Capitão-Mor. Perdeu uma das mãos na luta contra os franceses. Foi agraciado duas vezes com o hábito da Ordem de São Tiago pelos serviços relevantes prestados à Coroa. Por seus bons serviços prestados, Felipe II o nomeia, por meio da Carta Régia, de 28 de maio de

1619, Capitão-Mor da capitania do Ceará por 10 anos e lhe assegura um ordenado anual de 400 cruzados.

Somente em 1621 toma posse de sua concessão. Aqui angariou a amizade, forjou sólidas alianças e se integrou fraternalmente com os indígenas locais, tanto que serviu de inspiração a José de Alencar em seu célebre romance Iracema, “a virgem dos lábios de mel”, enamorada do grande “guerreiro branco” ali retratado. Nesse período, remodelou e reforçou o Forte com tropa e artilharia, introduziu a criação de cavalgaduras e gado.

Finalizado seu “mandato”, em 1631, seguiu para Pernambuco a fim de participar das lutas contra os holandeses, nunca mais voltando ao Ceará. Tomou parte na maioria dos combates na luta contra os holandeses, que culminou na Guerra de Restauração do Brasil, sempre acompanhado por seu grande amigo Felipe Camarão.

Após desbravar, colonizar, lutar contra a dominação estrangeira num momento crucial da história de nossa formação que marca a consolidação da unidade da colônia e a sua integração no espaço de influência portuguesa, o veterano das campanhas militares contra os intrusos em todas as frentes afasta-se de nossa terra, após a primeira grande vitória na batalha dos Guararapes, em 1648, quando ocorreu a morte Felipe Camarão, seu fiel amigo de todas as campanhas. Retorna à Portugal já aos 62 anos de idade, dos quais 45 anos servindo a Coroa lusitana no Brasil, e entra para o cancioneiro popular e lendas do Ceará.

Acompanhando a epopeia do Mestre de Campo Soares Moreno, ícone da história luso-brasileira no período da Restauração do Brasil, que, ultrapassando todos os desafios de sua época, desbravou as terras do Ceará, do Piauí, do Maranhão e do Pará e lutou contra a dominação estrangeira no nordeste combatendo os franceses, da Paraíba ao Maranhão; e os holandeses, da Bahia até o Rio Grande, o Comando da 10ª RM, em justo reconhecimento, elegeu seu nome para a denominação histórica desta Organização Militar, associando, assim, a “Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção” à “Fortaleza de Soares Moreno”, e este Comando à trajetória deste intrépido guerreiro, que dedicou a vida inteira à causa da futura nação que adotou como sua.

4. Inclusão do nome de M. S. Moreno no Livro dos Heróis da Pátria

O povo do Ceará, por intermédio do Dep Fed Ronaldo Martins, propôs ao Congresso Nacional, e o Presidente da República em justo sancionou a lei inscrevendo definitivamente o nome do Capitão-Mor Martim Soares Moreno no Livro dos Heróis da Pátria, a partir de 10 de janeiro de 2018. "LEI Nº 13.613, DE 10 DE JANEIRO DE 2018, Inscreve no Livro dos Heróis da Pátria o nome de Martim Soares Moreno.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, o nome de Martim Soares Moreno.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de janeiro de 2018; 197º da Independência e 130º da República.

MICHEL TEMER”

4. A FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

(vínculos históricos deste Cmdo com a fortificação militar)

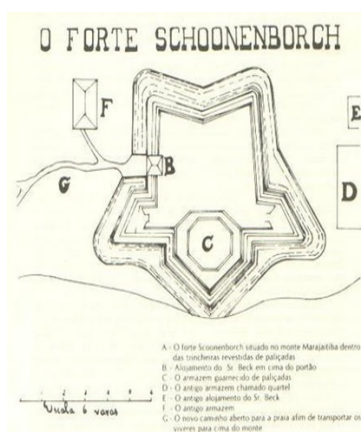
Origens, construções e reconstruções, vínculos com a formação e evolução histórica do Estado do Ceará e com a da cidade de Fortaleza

Apresentamos, a seguir, um pouco da evolução histórica desta fortificação, que precede e está intimamente interligada à história desta capital. Suas histórias mesclam-se no tempo e no espaço em perfeita simbiose, por ter sido este forte o berço do surgimento da cidade de Fortaleza, que sempre a teve como protetora e principal monumento representativo, estando o sentimento de pertencimento profundamente enraizado na sociedade local: materializado, no passado, por aqueles que ajudaram a reconstruir o atual forte com suas contribuições e, no presente, por aqueles que herdaram este legado e têm na fortificação o marco histórico e o monumento representativo do surgimento desta capital.

Origem

Foram quatro, os principais fortes erguidos nesta região em diferentes épocas: um construído pelos holandeses, o Forte Schoonenborch, erguido em uma colina às margens do riacho Pajeú (1649) e entregue aos portugueses 5 anos mais tarde, dando origem à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção (1654); e os demais pelos portugueses. O fortim de São Thiago, erguido por Pero Coelho de Souza, às margens do rio Ceará (1603), abandonado poucos anos depois. Outro Forte foi o de São Sebastião, construído no mesmo local por Martim Soares Moreno (1612).

Em 1649, os holandeses que aqui estiveram, entre os anos de 1637 a 1644, retornam à Capitania do Ceará, agora liderados por Matias Beck, que, na colina Marajaitiba, às margens do rio Pajeú, ergueu um baluarte defensivo projetado por Ricardo Caar, com forma pentagonal, cercado de parapeito e paliçada. O pequeno forte holandês recebeu a denominação de Schoonenborch (1649), em homenagem ao governador holandês de Pernambuco, possuindo um total de 11 canhões. Para a sua construção, foram trazidas as telhas e as peças do antigo Forte de São Sebastião.



Em 1654, com a derrota dos holandeses em Pernambuco, o forte foi entregue ao Capitão-Mor português Álvaro de Azevedo Barreto que, ao tomar posse, mudou-lhe o nome para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Nesta época, fez reparos no forte e deu início a construção de uma capela. Ao redor da Fortaleza, já se erguiam choupanas e palhoças dos primeiros habitantes da cidade que nascia.

O antigo Forte ocupava uma posição alta, com domínio do mar à sua frente (N) e do porto de pequenas embarcações no rio Pajeú (L). Uma posição estratégica, situada na metade do caminho marítimo entre Recife e São Luís do Maranhão, pontos básicos da administração portuguesa na colônia, uma vez que as correntes oceânicas e os ventos corriam no mesmo sentido (leste – oeste).

A fortificação holandesa de terra e pau já se encontrava arruinada pouco tempo

depois da sua rendição em 1654. Era uma obra simples e frágil que oferecia pouca resistência às ações do tempo. Por Carta Régia, de 27 de Julho de 1656, foi autorizado a André Vidal de Negreiros, Governador do Maranhão, a quem estava subordinado o Ceará na época, a construir um forte de pedra e cal ou mesmo de madeira de lei. Tal construção não foi feita, continuando o forte com sua estrutura original de madeira e terra, já em estado precário.

Do núcleo populacional que crescia ao redor do forte, ia nascendo uma cidade, a qual receberia o nome de Fortaleza em alusão à fortificação militar, tão importante e presente no quotidiano da população local. A cidade chamou-se, inicialmente, Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, depois Cidade de Fortaleza de Nova Bragança, Cidade de Fortaleza do Ceará, Cidade de Fortaleza e, finalmente, Fortaleza.

Em 1660, foi mandado levantar um quartel anexo à Fortaleza, pelo lado do mar:

A Vila do Aquiraz, antiga capital da Capitania do Ceará, sofreu, no início do século XVIII, com o ataque dos indígenas. Em 1704, furtando o gado e ferindo ou matando muitos dos moradores. Culminando, em 1713, quando os Paiacus, aliados dos Anacés e dos Jaguaribaras, levaram à destruição e à morte mais de 200 pessoas, refugiando-se os sobreviventes na Fortaleza de N. S. da Assunção. Estes episódios marcam a decadência da Vila do Aquiraz e o florescimento da Vila do Forte.

Em 1725, ocorreu a criação do município de Fortaleza, quando o então povoado do Forte foi elevado à condição de vila, tendo ocorrido sua inauguração festiva em 13 Abr 1726.

Foi finalmente iniciada a construção de um novo quartel durante a administração do Cel Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, governador da capitania de 1765 a 1781, em terreno oferecido pelo padre José Rodrigues, acompanhado de uma capela dedicada a N. S. da Assunção, padroeira da fortaleza, edificada pelo pároco no local onde se construiu a caserna. “O quartel não passava de um retângulo com as paredes laterais simples, sem portas interiores e janelas externas, com teto muito baixo e capacidade para aquartelar quatro companhias”. (Historiador Antônio Bezerra de Menezes).

Do final do século XVIII ao início do seguinte, alguns fatores alteraram o sistema econômico e político vigente, impulsionando a vida, a política e a economia da pequena Vila do Forte da Assunção, tais como: o plantio de algodão e sua exportação pelo porto; seguido pela concessão de autonomia administrativa à Capitania do Siará em 1799, até então subordinada ao governo de Pernambuco. A vinda da família real portuguesa e a abertura dos portos, em 1808, também favoreceram de vários modos o Ceará e a Vila da Capital, que ganhava dirigentes próprios, nomeados pelo rei, passando a contar com a permissão de firmar comércio diretamente com Portugal, África e outros países, após a abertura dos portos.

Desde meados do século XVII, o velho forte de N. S. da Assunção, tantas vezes desmoronado como refeito no mesmo sítio histórico, vivenciou várias versões, em algumas teve sua aparência física documentada e em outras teve descrições vagas ou mesmo sem registro algum. O Forte e os quartéis anexos sofreram muitos reparos, modificações e melhoramentos até se tornarem um grande edifício de dois andares projetado e construído por Adolfo Hebster (1859 a 1863), com a frente voltada para a Rua Sena Madureira e fundos para a Praça dos Mártires ou da Pólvora (Passeio

Público), e com as muralhas voltadas para o mar (N), bem parecido com a estrutura atual.

No começo do século XIX, a Vila da Fortaleza florescia e várias obras foram edificadas na capital, entre elas, um velho sonho acalentado pelos dirigentes e população em geral, a construção de uma nova e imponente Fortaleza de pedra, tijolo e cal em substituição ao pequeno reduto militar então existente. Um pleito antigo, tantas vezes solicitado e nunca atendido, agora se tornava possível, graças aos donativos e aos materiais de construção angariados entre os cidadãos.

O 4º Governador da Capitania do Ceará, Manoel Inácio de Sampaio (1812 a 1820), mandou reconstruir o velho forte, então reduzido a uma bateria em ruínas. Agora uma fortaleza com a forma de um quadrado com 90 m de lado, contando com quatro baluartes e guarnecida com 27 canhões em condições de baterem o ancoradouro e o porto, com projeto do TC Eng Silva Paulet. Um verdadeiro monumento à altura deste novo momento político, econômico e cultural da emergente Vila da Fortaleza, incontestemente símbolo de valorização material, sentimental e histórica de autoafirmação de sua preponderância sobre as demais vilas do Ceará. Foi inaugurada em 1817, ainda inacabada, sendo concluída em 1822, somente com as muralhas do lado norte, voltadas para o mar, já que os quartéis anexos já existiam e a cidade ocupava parte da área projetada ao sul.



A planta, de autoria do TC Engenheiro Antônio José da Silva Paulet, que dirigiu a sua construção, apresenta a forma de um quadrado com 90 metros de lado, com 4 baluartes nos vértices: bastião () voltado para a face NE recebe a invocação de “N. S. da Assunção”; face NO, recebe a denominação de “Dom Pedro, Príncipe da Beira” (título conferido desde 1734 a Dom Pedro I, à época primogênito do herdeiro presumido da Coroa de Portugal); face SE, de “São José”; e SO, de “Dom Pedro de Alcântara”.*



A Fortaleza de N. S. da Assunção foi artilhada inicialmente com cinco peças, foi custeada com fundos públicos (20:362\$390 réis) e doações particulares (16:113\$267 réis), afora doações de materiais e serviços de voluntários e de escravos.

Em 1823, D Pedro I elevou a Vila de Fortaleza à categoria de cidade, com a mudança de nome para Fortaleza de Nova Bragança, denominação que foi progressivamente reduzida no linguajar popular para vila da Fortaleza e, posteriormente, só Fortaleza. O TC engenheiro Silva Paulet também fez a primeira planta da cidade de Fortaleza.

Em 1829, foram acrescidas mais 04 peças às 27 existentes, fazendo um total de 31 canhões.

Após 1831, a nova doutrina militar desativou o complexo defensivo existente. O efeito dessa diretriz nas fortificações do período colonial foi arrasador, uma vez que dezenas de fortes, alguns datando dos primeiros anos da colonização, foram totalmente esquecidos. No caso da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, a medida, com

respeito ao desarmamento dos fortes, não foi tão severa. A posição continuou guarnecida, mas as obras de construção pararam quando só ficara concluída a face para o mar, suficiente para garantir a defesa do porto, os bastiões Nordeste (“Nossa Senhora da Assunção”) e o Noroeste (“Dom Pedro, Príncipe da Beira”).

O forte passou à categoria das fortificações de 2ª classe em 11 de fevereiro de 1857, assim continuando até 1880. Em 1910, foi desarmada.

Ao longo dos anos, várias OM se alternaram na fortificação e quartel anexo. A secular Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, localizada à margem esquerda da foz do riacho Pajeú, sobre o monte Marajaitiba, atualmente abriga a sede da 10ª Região Militar.

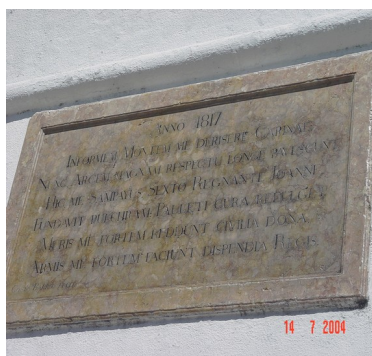
Personagens de Destaque

Pela Fortaleza de N. S. da Assunção e por este Comando Regional passaram, em diferentes épocas e quartéis aqui sediados, várias personalidades ilustres que, além de marcar sua presença no Exército Brasileiro, imortalizaram-se nas páginas da História de nossa Pátria. Destacam-se entre elas:

- Brigadeiro Antônio de Sampaio - natural de Tamboril-CE, iniciou sua carreira militar assentando praça no antigo 22º BC do Exército Imperial (1830), à época aqui sediado, o futuro Brigadeiro Sampaio - Patrono da Arma de Infantaria, que teve atuação destacada na Guerra do Paraguai, tendo seu nome inscrito no Livro dos Heróis da Pátria – Lei 11.932, de 24 de abril de 2009.

- Brigadeiro Antônio Tibúrcio - natural de Viçosa do Ceará, iniciou sua carreira militar assentando praça no antigo Meio BC do Exército Imperial (1851), à época aqui sediado. Herói da Guerra do Paraguai.

- Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (Estadista e Soldado do Exército Brasileiro) - Comandou a 10ª RM no período de 1952 a 1954. Foi Oficial de Operações da Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante a II Guerra Mundial. Posteriormente, de 1964 a 1967, foi Presidente da República.



O Forte e a cidade de Fortaleza

A fortificação tem elevado valor histórico e cultural, que ultrapassa a memória militar, por despertar o sentimento de pertencimento em toda a sociedade local, por ter sido o berço do surgimento de nossa capital, da qual herda o próprio nome, e por sua denominação histórica. O Forte foi reconstruído, no início do século XIX, com donativos da população para ser o símbolo maior da nova cidade que florescia naquela época. Observa-se na lápide, em latim, colocada na parte Norte da muralha (1817): "Ano de 1817. As naus escarneciam de mim, quando eu era um monte informe; agora, que sou uma grande Fortaleza, de longe tomam-se de respeito. Aqui reinando Dom João VI, Sampaio me fundou bela, o engenho de Paulet resplandece. Os donativos dos cidadãos me tornam forte pelas muralhas, e os dispêndios reais me fazem forte pelas armas."

O Forte nos Símbolos Oficiais do Município de Fortaleza

Além do nome e da posição geográfica, a fortificação militar está presente nos principais Símbolos Oficiais do Município de Fortaleza: no Hino de Fortaleza; no

Brasão do município; na Bandeira de Fortaleza; e na Santa Padroeira da cidade.



Brasão do município

Foi criado por Tristão de Alencar Araripe em meados de 1890, em suas primeiras versões, tinha cores mais fortes e traços um tanto rústicos. É utilizado em documentos oficiais da prefeitura e do poder legislativo da cidade. O Brasão traz o forte como tema central.



1958 – A Bandeira de Fortaleza

Foi idealizada por Isac Correia do Amaral e adotada em 11 de novembro de 1958. A Bandeira de Fortaleza traz a mesma figura do Brasão ao centro.

São usados na documentação oficial e na ornamentação e composição de prédios públicos da cidade.

Hino de Fortaleza

1958 - O Hino de Fortaleza foi oficializado pela lei 1.269, em 31 de maio de 1958. A letra foi escrita por Gustavo Barroso e a música composta por Antônio Gondim, com arranjo para bandas do maestro Manoel Ferreira. Consta que foi executado pela primeira vez no encerramento da semana de comemoração do centenário do romance “O Guarani”, na noite de 16 Nov 1957, no Theatro José de Alencar. O Hino de Fortaleza faz referência ao forte no surgimento da cidade; à Iracema e ao Guerreiro Branco (Martim S. Moreno); ao orago de batismo do forte, que se tornou também a padroeira da cidade.

*Junto à sombra dos muros do forte
A pequena semente nasceu,
Em redor, para a glória do Norte,
A cidade sorrindo cresceu.
No esplendor da manhã cristalina,
tens as bênçãos dos céus que são teus
E das ondas que o sol ilumina
As jangadas te dizem adeus.*

(Estrilho)

*Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do sol e do mar,
Fortaleza! Fortaleza!
Sempre havemos de te amar*

*O emplumado e virente coqueiro
Da alva luz do luar colher a flor
A Iracema lembrando o guerreiro,
De sua alma de virgem senhor.
Canta o mar nas areias ardentes
Dos teus bravos eternas canções:
Jangadeiros, caboclos valentes,
Dos escravos partindo os grilhões*

*Ao calor do teu sol ofuscante,
Os meninos se tornam viris,
A velhice se mostra pujante,
As mulheres formosas, gentis.
Nesta terra de luz e de vida
De estiagem por vezes hostil,
Pela mãe de Jesus protegida,
Fortaleza és a flor do Brasil.*

Letra: Gustavo Barroso

Música: Antônio Gondim

O Sítio Histórico da Fortaleza de N. S. da Assunção

Criação, espaços integrantes e personagens de sua história homenageados

A memória de um povo engloba os testemunhos de todas as instituições criadas pelos homens. Nesse acervo de memórias, as de caráter militar são importantíssimas para a história de cada nação. Os documentos escritos e iconográficos, os objetos e os artefatos militares, principalmente as fortalezas, são, além de marcos vivos da história, referências visuais; verdadeiros marcos da evolução humana.

A história de um povo é marcada pelos atos e pelos fatos que influenciaram sua trajetória no tempo e no espaço, e a Fortaleza de N. S. da Assunção se constitui o marco inicial da história de nossa capital, pois o povoado que surgiu ao seu entorno deu origem à cidade de Fortaleza, que dela herda o próprio nome. Também traz consigo parte da História do Ceará, pois, quando a 10ª Região Militar recebeu a designação histórica de “Região Martim Soares Moreno”, primeiro Capitão-Mor da Capitania do Ceará e considerado o fundador deste Estado, entrelaçou sua história à do Forte de São Sebastião, fundado por este ícone da História do Ceará, em 1612.

Hoje, esta imponente Fortaleza e seus canhões não se prestam mais à defesa da 'Capitania do Siará' contra um inimigo externo, nem tão pouco à proteção da antiga 'Vila do Forte'. O Forte, se fez história, e seus canhões, atiram cultura.

A visita ao Forte é um convite para uma viagem no tempo. Nos leva a conhecer a bela e empolgante história do surgimento da cidade de Fortaleza e da colonização do Ceará, que se inicia com a construção do Forte de São Sebastião, em 1612, e chega até os dias atuais, com a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

Conhecer os fatos e personagens de nossa história é conhecer um pouco mais de nossa terra e de nossa gente, enfim, de nossa Pátria. Neste sentido, foi criado o Sítio Histórico da Fortaleza de N. S. da Assunção, que é um espaço cultural do Exército Brasileiro, criado pela Port nº 752-Cmt Ex, de 22 JUL 14, e administrado pela 10ª RM.

A visita à fortificação se constitui um verdadeiro encontro com a História do Brasil, particularmente, com a História do Ceará e de sua Capital. Estimula, na sociedade brasileira, o culto aos grandes vultos nacionais, exemplos de altruísmo e amor à Pátria; e o respeito e a admiração dos estrangeiros que por aqui passam.

Além do elevado valor histórico e cultural da secular fortificação, que foi tombada como Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 15 Jul 08, estando inscrita nos livros de tombos Arqueológico, Paisagístico e Etnográfico, no Histórico e no das Belas Artes, em seu interior existe um complexo cultural diversificado. Formado não só pelas muralhas do forte, é composto também por

equipamentos que retratam alguns personagens de nossa história, que aqui são homenageados e têm sua memória preservada e sua história divulgada ao público em geral, em espaços distintos, mas que se integram harmonicamente ao ambiente e à história da fortificação, formando um complexo único.

O que eu encontro no Sítio Histórico da Fortaleza de N. S. da Assunção?

-As muralhas da Fortaleza, com o remanescente de seus canhões, e a arquitetura da fachada do quartel da 10ª RM.

- Museu e Panteão do Brigadeiro Sampaio.

- Museu General Sampaio- inaugurado em 1998 e modernizado em 2010. Com este “museu”, a 10ª RM reverencia e preserva viva a memória deste herói da Guerra da Tríplice Aliança em sua terra natal e no próprio local onde ingressou nas fileiras do Exército Imperial, em 1830. O espaço apresenta suas origens e conta a trajetória de sua vida, de Soldado neste Forte a Brigadeiro durante a Guerra do Paraguai. Nele, você encontra o revólver e sua espada de campanha, condecorações, fragmentos e objetos do local de nascimento e das batalhas que participou, painéis e quadros que retratam sua carreira.

- Panteão do Brigadeiro Sampaio – monumento erguido na frente deste Quartel General onde repousam os restos mortais deste Herói Nacional - Patrono da Infantaria Brasileira.

- Estátua e Monumento em homenagem a Martim Soares Moreno (1º Capitão-mor da Capitania da Ceará e considerado o fundador deste Estado).

- A estátua está situada nas muralhas da fortificação, com a frente voltada para o mar, simbolizando a posse e a ocupação da terra e a permanente vigilância e atuação do 1º Capitão-Mor do Ceará em sua defesa.

- O Monumento retrata personagens que participaram do processo de colonização da Capitania do Siará Grande e a união de raças que deu origem ao nosso povo e ao Exército (autoria do Ten Macedo Belcavello).

- O colonizador Português, nas figuras do Capitão-Mor Martim Soares Moreno e de um Soldado lusitano, trajando uniformes característicos da época (início do século XVII).

- O índio, representado pelo cacique Jacaúna.

- O negro, representado por um Soldado trajando uniforme, armamento e equipamento atuais de nosso Exército.

- Também apresenta uma nau portuguesa, a caravela, o meio de ligação com Portugal e entre as capitanias (século XVI/XVII).

-Espaço Bárbara de Alencar (local do pretenso “calabouço de Barbara de Alencar”): Dona Bárbara de Alencar foi uma das primeiras mulheres a participar da política nacional, tendo atuação destacada no movimento republicano que eclodiu na cidade do Crato, em 1817, uma extensão no Ceará da conhecida Revolução Pernambucana. Ficou consagrado na oralidade popular que ela teria ficado presa em um cubículo localizado no túnel de ligação entre as muralhas da fortificação, que possivelmente se tratava de um pequeno paiol de munições. Ela era avó do escritor José de Alencar.

- Espaço Brigadeiro Tibúrcio (inaugurado em Ago 17) – espaço multitemático,

composto por painéis retratando a história dos principais fortes locais e a sua relação com as origens do Estado do Ceará e da cidade de Fortaleza, homenageando o Marechal Castello Branco e o Brigadeiro Antônio Tibúrcio, divulgando os espaços integrantes do EC Sítio Histórico e um nicho que atualmente abriga a imagem original de N. S. da Assunção.

- Pelas diversas homenagens de N. S. da Assunção, padroeira deste forte e do município de Fortaleza.

- Nome desta fortificação.

-Imagem original da Santa- imagem é de meados do século XVIII e “sua presença não só fortalece o espírito religioso, como também resgata parte de nossa história, pela valiosa reminiscência do passado deste Forte e do período da formação de nossa cidade, se constituindo um testemunho histórico de que Fortaleza já nasceu sob a proteção desta fortificação e sob o signo do manto de N. S. da Assunção.”

- Bastião Nordeste da muralha do Forte – um dos quatro bastiões previstos por ocasião da reconstrução da fortificação militar por Silva Paulet, em 1817, foi invocado a ela. Neste local, posteriormente, foi construída uma praça a ela dedicada (13 de abril de 1998).

- Painel em pastilhas de porcelana – painel na fachada dos fundos do Quartel (voltado para o “Passeio Público”) medindo 4,00 X 4,00 metros, de autoria do professor, pintor e escultor José Eduardo Ribeiro Pamplona (5 de janeiro de 1967).

RECOMENDAÇÕES

- O conteúdo da canção deve exaltar a 10ª RM, sua história, sua missão, suas atividades e realizações.

- Não deverá haver citações a brasileiros vivos, referências a nações estrangeiras e a grupos político-partidários, religiosos, econômicos, sociais ou étnicos, bem como a utilização de siglas no poema, conforme preconizado nos itens 2) e 3) da letra h, do N° 4. Condições de Execução da OS 001- Seq Com Soc.